O Portador da Espada

Dr. Graham H. Turbiville, Jr.

LOGO APÓS os ataques terroristas do dia 11 de setembro de 2001 contra o *World Trade Center* e o Pentágono, o presidente dos EUA, George W. Bush, e os líderes da segurança nacional de seu governo, delinearam os objetivos para uma guerra global contra o terrorismo. Meses depois, os objetivos continuam concentrados na destruição de centros terroristas internacionais, no desmantelamento de redes terroristas pelo mundo e na punição dos estados que apóiam as atividades terroristas. A organização terrorista *Al-Qaeda* — os patrocinadores dos ataques do dia 11 de setembro e de outros assaltos anteriores contra interesses, propriedades e o povo americano — continua a ser uma prioridade. À medida que as bases principais e os centros de liderança da *Al-Qaeda* no Afeganistão foram atingidas e os membros do Talibã que as apoiavam removidos do poder, os planejadores dos EUA começaram a destinar recursos e o enfoque para outras células e associações da *Al-Qaeda*, operando em dúzias de países em todo o mundo. Os líderes nacionais dos EUA enfatizaram que esses grupos, e outras organizações terroristas, constituem alvos legítimos da guerra global contra o terrorismo.

Entre os alvos que receberam a atenção inicial dos líderes dos EUA encontrava-se um pequeno e violento grupo islâmico que, apesar de suas origens na guerra soviética-afegã entre 1979-89, opera nas selvas, montanhas, cidades e águas costeiras do sul das Filipinas.[1] Este grupo é o *Abu Sayyaf*, que significa "portador da espada" em árabe. O grupo costuma emboscar forças governamentais, comete seqüestros, atos de pirataria e freqüentemente decapita seus prisioneiros. Atualmente, os elementos do *Abu Sayyaf* permanecem engajados em combates esporádicos contra as Forças Armadas das Filipinas e continuam a cometer uma combinação de terrorismo político e de banditismo em toda a área. Suas supostas ligações com a *Al-Qaeda* e a sua assegurada devoção a uma forma radical e pervertida do islamismo, identificam o grupo *Abu Sayyaf* como um disseminador de terrorismo local, com implicações mais amplas regionais e internacionais. Particularmente preocupante é a possibilidade de que o grupo possa radicalizar ainda mais outros grupos insurgentes e pró-independência muçulmanos nas Filipinas, servindo de catalisador para situações análogas na Indonésia, na Malásia e em outros países.

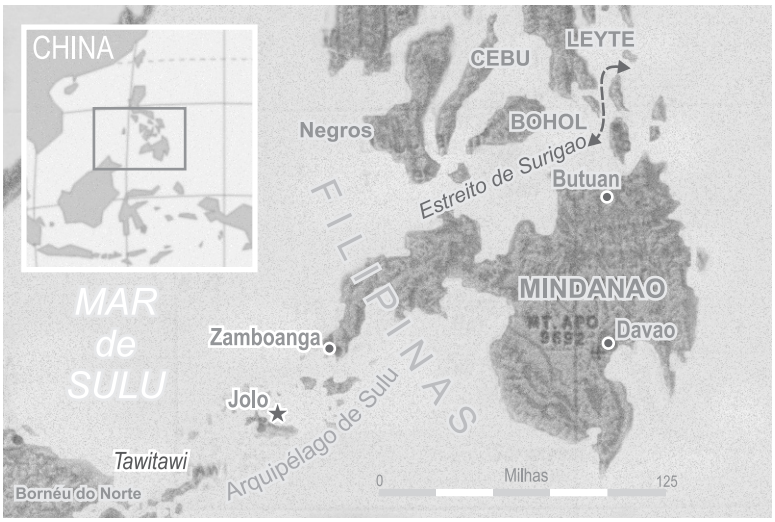
Este artigo aborda a origem e as atividades do *Abu Sayyaf*, o ambiente operacional em que desenvolve suas atividades e sua influência nas Filipinas e na região. Antes de examinar o *Abu Sayyaf* especificamente, é instrutivo recapitular brevemente a continuidade histórica da insurgência muçulmana nas Filipinas; a experiência americana no que foi, há cem anos, um novo ambiente operacional; e o atual contexto dentro do qual o *Abu Sayyaf* tem procurado alcançar os seus objetivos.

Os Mouros, a Insurgência e o Ambiente Operacional

A insurgência islâmica nas Filipinas no século XXI, de muitas maneiras, continua a luta que começou nos séculos XV e XVI. O islã chegou no sul das Filipinas durante o século XIV, espalhando-se agressivamente desde o arquipélago indonésio por meio de comerciantes e educadores muçulmanos navegantes e, por volta do século XVI, havia permeado as ilhas do arquipélago Sulu até Mindanao, avançando para o norte. Estas comunidades islâmicas, constituindo o sul das Filipinas, tinham como fundamento os seus próprios conceitos de autoridade, relacionamentos sociais e soberania, em constante evolução.[2]

Elas colidiram violentamente com os exploradores

espanhóis que buscavam estabelecer colônias lucrativas na área com base nos supostos ricos recursos, nas rotas comerciais e com uma população convertida ao catolicismo. Os espanhóis chamaram o povo muçulmano que encontraram na área de *moros* ou mouros, devido a seus velhos inimigos muçulmanos na Europa e na África do Norte.[3] Enquanto o islã era forçado para o sul e restrito pela Espanha, uma resistência armada e eficiente iniciou-se imediatamente, por parte dos mouros. Esta continuou até 1898 quando os EUA derrotaram os espanhóis na Guerra Hispano-Americana. Os mouros emergiram em 1899 com suas identidades religiosas e culturais intactas e, já no final, entusiasticamente eliminaram todo vestígio das guarnições militares dos espanhóis antes que as forças americanas chegassem para assumir o poder.



O Encontro entre os Militares dos EUA e os Mouros

As Ilhas Filipinas foram cedidas aos EUA sob o Tratado de Paris de 1898, causando uma resistência imediata no norte, predominantemente cristão, e mais tarde no sul — muçulmano sunita. A Insurreição Filipina de 1899-1902, no norte, foi derrotada com sucesso e oficialmente declarada terminada no dia 4 de julho de 1902.[4] O presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, observou porém, naquela declaração, que "a paz foi estabelecida em todas as partes do arquipélago exceto na área habitada pelas tribos dos mouros, aos quais esta proclamação não se aplica".[5] Um conflito total no sul havia irrompido apenas dois meses antes, em maio, seguindo a uma série de incidentes, o aumento das tensões e à resistência dos mouros contra a incorporação das terras muçulmanas ao estado filipino sob o controle dos EUA. Do ponto de vista dos mouros, "A Espanha católica foi induzida pelo espírito da Inquisição, a América foi inspirada pelas doutrinas profanas do 'Destino Manifesto' de trazer as 'bênçãos' da civilização ocidental para estes 'bárbaros' no sudeste asiático. Mas os 'bárbaros' mouros, para grande surpresa dos americanos, não foram facilmente subjugados."[6]

Essa declaração havia sido claramente antecipada, porque a Marinha e o Exército dos EUA se encontravam engajados contra um inimigo que rapidamente conquistou o seu lugar como um dos adversários mais valorosos, dedicados e capazes jamais enfrentados. Também salientou, para os militares dos EUA, o impacto do fervor religioso islâmico mobilizado na obtenção do que muitos mouros ainda consideram ser o seu merecido e justificado direito pela independência. Os mouros estavam pobremente armados, comparados aos soldados americanos, cujas armas básicas eram o fuzil *Kraig-Jorgensen*, calibre .30 — modelos *M1892* e *M1896* com carregador de cinco tiros — com apoio de metralhadoras *Gatling* e *Hotchkiss* e vários modelos de canhões leves. Os mouros possuíam uma variedade de armas mais antigas, incluindo armas de antecarga e alguns canhões primitivos de bronze. Porém, era a habilidade e a surpreendente eficácia dos mouros com as armas de corte que gerava um grande respeito e temor. As tropas americanas passaram a reconhecer e compreender as capacidades do *barung*, com sua lâmina de 18 polegadas de comprimento em forma de folha; a longa espada *kampilan* de 42 polegadas de comprimento, arma tradicional de combate dos mouros Maguindanao e Maranao; e a espada mais identificada com os mouros, a *kris*, arma soberba de comprimento variado que tinha uma lâmina distinta de fio ondulante, famosa naquele tempo.[7]

Problemas tradicionais, associados a operações de contra-insurgência, surgiram logo no início. Por exemplo, diferenciar os combatentes mouros masculinos dos femininos, que às vezes combatiam também, era um problema contínuo porque as mulheres se trajavam de maneira parecida aos homens. Em um esforço de reduzir as baixas de não combatentes, o Exército dos EUA proibiu que se disparasse contra grupos de filipinos que contivessem mulheres.

Os mouros eram muito eficientes em emboscadas na selva, florestas e pantanais e também combatiam bem

desde suas fortificações, chamadas *cottas* ou *kutas*. Os ataques mouros contra colunas em marcha, ou contra acampamentos enquanto o inimigo dormia, eram repentinos, freqüentemente envolvendo combates sangrentos corpo a corpo. Os mouros, armados de suas espadas *kris* e lanças, se aproximavam rapidamente e atacavam os americanos, melhor armados, usando suas armas de corte com grande destreza. Como observou um especialista na época: "As tropas americanas não haviam participado de tais combates desde os dias da Guerra da Revolução."[8]

Problemas tradicionais, associados a operações de contra-insurgência, surgiram logo no início. Por exemplo, diferenciar os combatentes mouros masculinos dos femininos, que às vezes combatiam também, era um problema contínuo porque as mulheres se trajavam de maneira parecida aos homens. Em um esforço de reduzir as baixas de não combatentes, o Exército dos EUA proibiu que se disparasse contra grupos de filipinos que contivessem mulheres. Essa ordem provocou uma rima entre os soldados, ridicularizando-a, *a la* Rudyard Kipling, que ilustrava a maneira pela qual as tropas encaravam o dilema: "Se uma senhora usando calças, escondida nas trincheiras, anseia pelas minhas orelhas como lembranças, devo interpelá-la, antes de esganá-la, 'és senhor ou senhora?'. Como deve um homem, tímido, identificar as madames?"[9]

Os norte-americanos se familiarizaram rapidamente com essa nova dimensão, bem aprendida anteriormente pelos espanhóis — seus soldados e oficiais a chamavam de juramentado, podendo-se entender como a prática de fazer um juramento. Esta prática, fundamentada nas interpretações do jihad dos mouros de Sulu, consistia em ritos de elaborada dedicação e purificação conduzidos junto à família e às autoridades religiosas.

Outro fenômeno observado por muitos militares e outros observadores oficiais americanos era a extraordinária vitalidade dos guerreiros mouros e a sua capacidade de continuar avançando mesmo depois de terem sidos baleados várias vezes. Apesar disso ser atribuído, em grande parte, ao caráter corajoso e determinado de um povo guerreiro, há outra dimensão, fundamentada na religião islâmica dos mouros. De muitas maneiras, ela explica os atuais ataques-suicidas ou a construtiva autodestruição, em todo o mundo, que os combatentes muçulmanos incorporam às várias interpretações dos imperativos do Corão de oposição aos "infiéis".[10]

O *Juramentado* e o *Jihad*

Os norte-americanos se familiarizaram rapidamente com essa nova dimensão, bem aprendida anteriormente pelos espanhóis — seus soldados e oficiais a chamavam de *juramentado*, podendo-se entender como a prática de fazer um juramento. Esta prática, fundamentada nas interpretações do *jihad* dos mouros de Sulu, consistia em ritos de elaborada dedicação e purificação conduzidos junto à família e às autoridades religiosas. Os que tomavam parte desta dedicação, juravam matar tantos cristãos quanto possível antes de morrer. Sua recompensa seria a ascensão ao paraíso. Um *juramentado* sozinho atacava um grupo inteiro e esses assaltos repentinos dos "*juramentados*" tornaram-se uma constante preocupação. Do ponto de vista muçulmano, essa descrição não era nada adequada. Antes, conforme descrito por porta-vozes contemporâneos dos insurgentes mouros-islâmicos, "os *mujahideen* do território de Bangsamoro consideravam como uma obrigação pessoal a Alá lutar até a morte, mesmo se um líder muçulmano se rendesse. Tornou-se comum que um muçulmano *mujahid* sozinho atacasse soldados e campos americanos, matando muitos antes de perder a própria vida. Os espanhóis e americanos ridicularizavam esse ato, chamando-o de *juramentado* ou loucura; os muçulmanos se referiam ao mesmo como *sabil* ou *prang sabil* (operação de martírio), do *jihad* árabe *fi sabilillah* (esforço pela causa de Deus)".[11]

Muitas histórias surgiram a respeito de mouros, aparentemente pacíficos, repentinamente sacando *kris* ou *barungs* e matando vários soldados ou civis americanos antes de serem mortos também. A substituição do revolver calibre .38 do Exército dos EUA pelo mais poderoso calibre .45 automático foi, em parte, resultado da dificuldade em deter os *juramentados*. Oficiais militares dos EUA, incapazes de encontrar outras contramedidas eficazes, implementaram outras práticas que, reportadamente, rendiam resultados a curto prazo, mas que provavelmente geravam conseqüências negativas a longo prazo. Conta-se que o governador de Jolo, Coronel Alexander Rodgers, tomou uma dessas medidas. Todos os mouros *juramentados* foram mortos e alinhados na praça do mercado, com porcos abatidos sobre cada um deles. Os maometanos odeiam qualquer contato com porcos e portanto, o contato dos *juramentados* mortos com esses animais neutralizava os efeitos benéficos do rito em si. Os mouros passaram a chamar Rodgers de "o porco" e os *juramentados* fugiram em disparada para outros distritos.[12]

Departamento de Defesa

Ataque suicida contra o Pentágono, 11 de setembro de 2001.

Para os comentaristas filipinos atuais, os ataques terroristas do dia 11 de setembro de 2001 contra o *World Trade Center* e o Pentágono, sugerem fortemente uma nova geração de *juramentados*. Um observador disse que: "a decisão dos seqüestradores de matar tanta gente quanto possível, e morrerem também durante a ação, lembra os *juramentados* muçulmanos de Zamboanga e Jolo no sul das Filipinas durante a colonização americana das ilhas no início de 1900".[13]

A Contínua Resistência Armada Moura no Século XX

Engajamentos entre mouros e forças americanas continuaram periodicamente, desde a primeira batalha em 1902 até o final oficial do governo militar em 1913. A I Guerra Mundial, um período entre guerras que incluiu uma maior jurisdição local por parte do norte das Filipinas em assuntos mouros e a ocupação japonesa das Filipinas, durante a II Guerra Mundial, influenciaram e frustraram as aspirações dos mouros pela independência. Os mouros resistiram ferozmente aos ocupantes japoneses, mas durante a concessão pós-guerra da independência das Filipinas no dia 4 de julho de 1946, os mouros se viram incorporados à República. Durante as décadas seguintes, houve resistência moura contínua a essa integração. Essa resistência foi fomentada pela migração, patrocinada pelo governo, de filipinos cristãos, para terras tradicionalmente muçulmanas no sul e pelo que os muçulmanos filipinos consideravam ser a transferência em massa de títulos de terras dos mouros. Atuais porta-vozes da resistência moura comparam a odisséia dos filipinos do norte com a "política de Israel contra o povo palestino".[14] O governo e o norte cristão enfatizaram as ameaças à identidade muçulmana dos mouros.

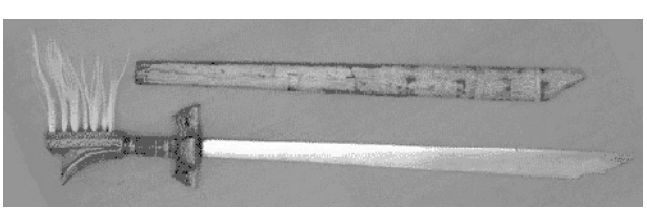
Embora os relatos sobre a formação do Abu Sayyaf variem em detalhe e interpretação, existe uma concordância generalizada de que o fundador mouro, e primeiro líder, Abdurajik Abubakar Janjalani, encontrava-se estudando no Oriente Médio quando foi influenciado pela teologia Wahabi, defendida pelo professor Abdul Rasul Abu Sayyaf.

Os mouros asseveram a sua marginalização pelo governo de outras maneiras — investimentos locais, educação, cuidados médicos, acesso ao sistema judicial e outras queixas mais — que foram acrescentadas às aspirações tradicionais pela independência. Grupos violentos cristãos, conspirando com a polícia local e, especialmente, o massacre *Jabidah* no dia 18 de março

de 1968, tiveram papéis catalíticos no aumento da resistência moura durante a presidência de Ferdinand Marcos. O Exército das Filipinas matou pelo menos 28 recrutas mouros na Ilha Corregidor. Esses recrutas — das Forças Especiais *Jabidah* — tinham estado treinando técnicas de guerra não convencional com o suposto objetivo de se apoderarem do disputado estado de Sabah, da Malásia, na ilha de Borneo, sob um plano secreto chamado Operação *Merdeka*. Os recrutas mouros foram alegadamente mortos por recusar obedecer ordens e para impedi-los de revelarem detalhes da operação.[15]

O Abu Sayyaf, fiel a seu forte legado mouro relativo aos mares, é bem-sucedido na pirataria nas águas das costas filipinas e às vezes até em áreas mais distantes. Comentaristas filipinos comparam o legendário pirata Sulu, Jikiri, do início do século XX, com Abu Sayyaf. Após anos de depredações bem-sucedidas, ostensivamente em nome dos direitos dos mouros, Jikiri foi morto em combate corpo-a-corpo com um oficial dos EUA, na ilha de Patian.

Um resultado direto desse evento foi a formação clandestina da Frente da Liberação Nacional Moura (*Moro National Liberation Front — MNLF*), no final de 1969. Estudantes mouros, em universidades nas Filipinas, no Egito e em outras áreas do Oriente Médio, dedicados a criarem uma nação muçulmana independente no sul das Filipinas, formaram a organização.[16] A *MNLF* recebeu apoio estrangeiro de Muammar Qaddafi, da Líbia, e do governador em Sabah, na Malásia, que fornecia armas e outras ajudas provenientes da Líbia, bem como treinamento para jovens mouros. Apoiada pelas armas e suprimentos estrangeiros, em meados dos anos 70, a *MNLF* tinha aproximadamente 30.000 homens armados e estava engajando unidades do Exército das Filipinas e da polícia no Arquipélago Sulu e em Mindanao. Os sucessos iniciais começaram a se dissipar no final de 1975, e uma mudança na liderança do estado de Sabah limitou o reabastecimento e permitiu aumentar a eficácia dos programas governamentais de anistia. Mesmo assim, um cessar-fogo em 1976 e o



estabelecimento de uma zona muçulmana provisória autônoma, mas não independente, no sul das Filipinas, pareceram representar verdadeiros sucessos da Frente. O subseqüente apoio do Irã, logo após a revolução iraniana de 1979, também aumentou o apoio internacional a favor da *MNLF*.[17]

Em 1979, um grupo rival, que não durou muito, conhecido como a Organização de Liberação Moura Bangsa (*Bangsa Moro Liberation Organization*), foi formado sob a liderança de mouros exilados com base na Arábia Saudita. Em 1977, desentendimentos na liderança da *MNLF* resultaram em uma organização separada que, por volta de 1983, adotou o nome de Frente de Liberação Islâmica Moura (*Moro Islamic Liberation Front — MILF*).[18] A *MILF*, apesar de menor que sua predecessora, também tinha um número substancial de combatentes armados.[19] Por algum tempo, estas três organizações muçulmanas buscaram a supremacia como representantes do povo mouro, em uma época marcada por escaramuças, cessar-fogos e discussões entre os membros e o governo das Filipinas.[20] Esta complexa situação foi acompanhada de outro acontecimento geograficamente distante — o começo da Guerra Soviética-Afegã em dezembro de 1979 — que eventualmente geraria outro grupo insurgente muçulmano, ainda mais radical, nas Filipinas — o *Abu Sayyaf*.[21]

Abu Sayyaf: do Afeganistão até a Guerra ao Terrorismo

Embora os relatos sobre a formação do *Abu Sayyaf* variem em detalhe e interpretação, existe uma concordância generalizada de que o fundador mouro, e primeiro líder, Abdurajik Abubakar Janjalani, encontrava-se estudando no Oriente Médio quando foi influenciado pela teologia *Wahabi*, defendida pelo professor Abdul Rasul Abu Sayyaf. O professor, afegão e de etnia *pashtun*, era seguidor da seita puritana islâmica saudita — assim chamada em homenagem ao seu fundador do século XVIII, Muhammad ibn Abd al Wahab — que considerava outras seitas muçulmanas como heréticas.[22] Depois da invasão soviética do Afeganistão, Abu Sayyaf, considerado um tipo aventureiro e carismático, formou um grupo *mujahideen* em 1986 que operava perto de Cabul contra as forças soviéticas. Designado União Islâmica, o grupo passou a receber substancial ajuda financeira de radicais sauditas que apoiavam o *Wahabi* e se alinhou à Fraternidade Muçulmana (*Muslim Brotherhood*). Tornou-se uma parte essencial do esforço centralizado que o jordaniano-palestino, Abdullah Azam, iniciou, por volta de 1984, para reunir apoio e combatentes muçulmanos estrangeiros. Apoio financeiro e de outros tipos eram freqüentemente "lavados" em meio a supostas doações a caridades.

Acredita-se que o grupo *Abu Sayyaf* treinou uns

O Brigadier General *John J. Pershing lidera o 8º Regimento de Infantaria e exploradores filipinos durante a Batalha na Montanha de Bagsak na Ilha Jolo entre 11 e 15 de junho de 1913. Depois do terrível combate, Pershing escreveu ao General Diretor do Departamento de Pessoal do Exército que não acreditava merecer a Medalha de Honra, para qual estava sendo considerado.*

20.000 combatentes estrangeiros *mujahideen*. Muitos treinaram em um campo perto de Peshawar no Paquistão, que preparava guerreiros do Oriente Médio, da África do Norte e das Filipinas. O próprio Janjalani chegou ao Afeganistão em 1986 e se uniu à União Islâmica de Sayyaf. Ele provavelmente recebeu o seu treinamento em um campo *Sayyaf* e, aparentemente, permaneceu no Afeganistão como um *mujahideen* até o final da guerra. Como milhares de muçulmanos não afegãos, incluindo egípcios, sauditas, argelinos, chechenios, uzbequistanos, kuwaitianos, uigurus de Xinjang na China e outros, Janjalani estava determinado a ajudar a expulsar os soviéticos do Afeganistão. Com esse objetivo alcançado em fevereiro de 1989, a maioria dos veteranos *mujahideen* estrangeiros se espalhou por países muçulmanos em todo o mundo. Conforme ficou bem comprovado, muitos se uniram a grupos insurgentes e de oposição armada, praticando o *jihad* contra regimes considerados heréticos ou por serem demasiado influenciados pelo Ocidente.[23] As redes de apoio e os laços estabelecidos no Afeganistão duraram e se desenvolveram, chegando a participar de ataques contra vidas, propriedades e interesses dos EUA em todo o mundo e ao longo da década que se seguiu.

Entre 1989 e 1990, Janjalani aparentemente abandonou o Afeganistão, voltando para o seu lar na ilha de Basilan nas Filipinas, do outro lado do estreito da capital de Mindanao, Zamboanga.[24] Ele, e muitos outros mouros afegãos, voltaram do *jihad* no Afeganistão com o objetivo de duplicar o sucesso obtido naquele país — neste caso, para estabelecer um estado muçulmano independente e determinado no sul das Filipinas. Alguns mouros *mujahideen* que voltaram, se uniram à *MNLF* e outros à *MILF*.[25] Janjalani porém, acreditava na tal "forma pura" do Islão, segundo os ensinos *Wahabi.* Em sua casa em Tabuk, na ilha de Basilan, dizia-se que havia um ambiente de velho mundo, no qual as

As supostas ligações entre Osama bin Laden e o grupo Abu Sayyaf datam dos anos 80 no Afeganistão quando bin Laden, tal como Janjalani, era fortemente relacionado com a União Islâmica do professor Sayyaf, tendo lutado junto às suas forças. Durante o Afeganistão pós-guerra, a organização Al-Qaeda de bin Laden supostamente canalizou dinheiro e outros apoios ao grupo Abu Sayyaf.

mulheres se vestiam de preto e os homens de branco ou cinza.[26] Ele se dedicou, junto com alguns seguidores, a estabelecer um novo grupo insurgente, que chamou de *Abu Sayyaf*, evidentemente para homenagear seu mentor afegão. Os elementos dissidentes da *MNLF*, seguidores de um homem com similares pontos de vista, um professor religioso chamado Wahab Akbar, uniram-se ao seu esforço.[27] De um grupo inicial de cerca de 20 membros, com o objetivo de estabelecer um estado islâmico puro em Mindanao, o *Abu Sayyaf* cresceu, recebendo centenas de novos adeptos e fez com que a sua presença fosse sentida em Basilan, no Arquipélago Sulu e em partes de Mindanao.[28]

O grupo *Abu Sayyaf* impregnou-se na consciência pública com o seu uso brutal de bombas, assassinatos, assaltos e emboscadas, assim como de roubos, extorsão e seqüestros, que se tornaram o seu marco tradicional. Um grande destacamento do grupo, perseguido pelas Forças Armadas Filipinas — apoiadas por material e possivelmente conselheiros dos EUA — manteve capturados dois missionários da cidade de Wichita, estado de Kansas, EUA, e uma enfermeira filipina.(*)[29]

O *Abu Sayyaf*, fiel a seu forte legado mouro relativo aos mares, é bem-sucedido na pirataria nas águas das costas filipinas e às vezes até em áreas mais distantes. Comentaristas filipinos comparam o legendário pirata Sulu, Jikiri, do início do século XX, com Abu Sayyaf. Após anos de depredações bem-sucedidas, ostensivamente em nome dos direitos dos mouros, Jikiri foi morto em combate corpo-a-corpo com um oficial dos EUA, na ilha de Patian.[30] Hoje, as empresas comerciais de navegação temem que o *Abu Sayyaf* e outros grupos comecem a dar mais atenção às transportadoras marítimas, que representam alvos fáceis.[31]

O Exército das Filipinas e a polícia têm tido numerosos sucessos contra o grupo *Abu Sayyaf*, incluindo a morte do seu fundador, Janjalani, em dezembro de 1998, durante um tiroteio e a captura ou morte de outros líderes e membros do grupo. Khaddafy Janjalani, irmão menor do fundador e cujo nome lembra o líder líbio que tem apoiado as causas mouras, agora lidera o *Abu Sayyaf*.

As supostas ligações entre Osama bin Laden e o grupo *Abu Sayyaf* datam dos anos 80 no Afeganistão quando bin Laden, tal como Janjalani, era fortemente relacionado com a União Islâmica do professor Sayyaf, tendo lutado junto às suas forças.[32] Durante o Afeganistão pós-guerra, a organização *Al-Qaeda* de bin Laden supostamente canalizou dinheiro e outros apoios ao grupo *Abu Sayyaf,* apesar de a natureza precisa dos apoios não ser conhecida. Já em meados dos anos 90 acreditava-se que o cunhado de bin Laden, um financista saudita chamado Muhammad Jamal Khalifa, era uma das principais fontes de fundos do grupo *Abu Sayyaf* e talvez de outros grupos insurgentes muçulmanos nas Filipinas. Por meio de uma instituição de caridade islâmica nas Filipinas, algumas fontes têm ligado Khalifa a um indivíduo em particular, Ramzi Yusuf, envolvido no ataque contra o *World Trade Center*, em 1993. [33]

São também citadas outras fontes de recursos ligadas à *Al-Qaeda*.[34] Adicionalmente, alegações de planos por parte de grupos radicais islâmicos radicados nas Filipinas, em meados dos anos 90, para explodir até 11 aviões comerciais dos EUA sobre o Oceano Pacífico, assassinar o Papa João Paulo II, bombardear as embaixadas dos EUA e Israel e assassinar o presidente americano William J. Clinton, marcaram a área como um polo de atração para o terrorismo internacional. Mais recentemente, a captura, em janeiro de 2002, de militantes do grupo *Jemaah Islamiyah* em Singapura e nas Filipinas, com conexões com a *Al-Qaeda*, salientou a existência de contínuas e diretas ligações e conexões regionais com o terrorismo internacional. O grupo *Abu Sayyaf* estava planejando ataques contra embaixadas dos EUA e ocidentais na região e contra militares americanos.[35]

Um adestramento substancial e outras ligações com o Afeganistão, evidentemente têm perdurado desde o fim da guerra de 1979-89. Em julho de 2001, um senador filipino, ex-chefe das Forças Armadas das Filipinas, indicou que 50 guerreiros mouros estavam sendo treinados no Afeganistão. Embora não tenha ficado claro a qual dos três grupos mouros os guerreiros pertenciam, a revelação salientou as robustas dimensões da interação e conexões terroristas.[36] Conforme foi se desenvolvendo o fim do regime Talibã, em meados de novembro de 2001 sob o impacto dos ataques dos EUA e da Aliança do Norte, foi reportado que mouros estavam lutando perto de Cabul, com guerreiros do Talibã e da *Al-Qaeda*.[37] Evidentemente estes encontram-se espalhados entre os milhares de prisioneiros da *Al-Qaeda* e dos mortos que resultaram das operações bem-sucedidas dos EUA e seus aliados, enquanto que o Exército das Filipinas, apoiado pelos EUA, se engajava ocasionalmente, procurava por elementos do grupo *Abu Sayyaf* e buscava resgatar os reféns na Ilha Basilan.[38]

A Insurreição Islâmica e a Região

Com o final de 2001, preocupações a respeito do grupo *Abu Sayyaf* eram fomentadas pela possibilidade de renovada ação militante por parte da *MNLF* e da *MILF* na medida em que almejavam a independência

**Do casal de missionários capturados pelo grupo* Abu Sayyaf *em maio de 2001, apenas Gracia Burnham sobreviveu quando soldados filipinos executaram uma missão de resgate no dia 7 de junho de 2002. A enfermeira, Ediborah Yap, foi morta durante o ataque, bem como Martin Burnham, esposo de Gracia.* Nota da Editoria Brasileira.

moura. Além disso, parecia mais provável que outros estados na região fossem afetados pelas crescentes incertezas e inquietudes. No final de outubro de 2001, o fundador da *MNLF*, Nur Misuari — sua liderança desafiada por outros representantes da *MNLF* e sua posição como governador da região autônoma na região muçulmana de Mindanao denunciada pelo governo em Manila — indicou rapidamente a sua intenção de lutar. De acordo com o governo, ele teve encontros com representantes do *Abu Sayyaf* e da *MILF* para recrutar aliados e orquestrar uma revolta geral. Mais de 200 seguidores de Misuari bombardearam um posto do Exército filipino em Mindanao com morteiros no dia 19 de novembro, tomaram várias dúzias de reféns em Zamboanga City e, em subseqüentes confrontos com o Exército, sofreram umas 52 baixas. Afirma-se que alguns dos combatentes eram anteriormente mouros rebeldes que haviam sido integrados ao Exército mas que se rebelaram devido ao tratamento dado ao ex-governador Misuari pelo governo das Filipinas.[39] Um número ainda maior de guerreiros da *MNLF* foi preso e um grande depósito de armas e explosivos foi capturado.

Enquanto que, em dezembro, o Exército das Filipinas continuava tentando pacificar os combatentes de Misuari, ele próprio escapou para Sabah na Malásia, onde se temia que ele usasse o território e os acampamentos para lançar operações contra o governo de Manila. As autoridades da Malásia o detiveram no dia 24 de novembro, apesar de suas condições de opulancia, mas o governo em Kuala Lampur, subseqüentemente, o exonerou das acusações de terrorismo. Mesmo assim, Misuari foi deportado para as Filipinas onde se encontra preso. Temores que os seguidores armados de Misuari — como a leal força de elite *Mutallah* dos seus dias como governador — tentem libertá-lo, têm aumentado o estado de alerta militar e policial e os esforços relativos à coleta de inteligência. Acredita-se que simpatizantes de Misuari estão planejando ataques terroristas nas Filipinas enquanto observam o processo relacionado com sua possível extradição e deportação.[40]

A *MILF* — cuja reunião com Misuari ocorreu em Bangcoc, Tailândia, em outubro, assegura que está satisfeita ao constatar o aumento das tensões com o governo filipino, tendo se oposto aos esforços anteriores para a paz. Ao mesmo tempo, o *Abu Sayyaf* dedica-se a suas próprias agendas radicais islâmicas criminosas e enigmáticas. Em poucas palavras, a interação dos grupos de resistência moura é complexa assim como o é o impacto que tudo isto tem sobre os outros estados da região.[41]

No mínimo, o aparente apoio malásio pela independência dos mouros continua a ser uma fonte de tensões entre Manila e Kuala Lumpur, mas existem impactos ainda mais sérios. Os movimentos insurgentes mouros nas Filipinas têm aumentado o contrabando de armas e de estrangeiros na Malásia e na Indonésia. A prisão, em janeiro de 2002, de militantes ligados à *Al-Qaeda* na Malásia — com conexões nas Filipinas e na Indonésia — indica que a extensão total das redes do Islamismo radical ainda não é compreendida.[42] Além disso, acredita-se que os sucessos do *Abu Sayyaf* em arrecadar fundos por meio de seqüestros e extorsão tenham provocado esforços análogos por parte de piratas e outros grupos nas águas regionais.[43] A radicalização de muçulmanos malásios e a institucionalização da oposição anti-americana e anti-ocidental continuam a ser eventos possíveis mas limitam-se, por enquanto, à retórica e a demonstrações contra os ataques dos EUA no Afeganistão.[44]

Desde o século XIII até a era da Internet, os objetivos, a identidade e a coerência dos mouros, como um povo, têm permanecido intactos, em sua maioria. Constituindo hoje aproximadamente 5 por cento da população das Filipinas, o seu objetivo para a independência — ou pelo menos pela maior autonomia e maior participação em oportunidades e recursos naturais — continua a ser um imperativo forte.

A Indonésia, o quarto maior Estado do mundo e o maior país muçulmano, está particularmente preocupada com o Islamismo radical e com o terrorismo. Mais de 85 por cento dos 210 milhões de indonésios são muçulmanos; uns 5 por cento são cristãos; e aproximadamente 1 por cento são budistas e hindus. Acredita-se que a experiência do Timor Leste tenha reenergizado os mouros filipinos em seus esforços secessionistas, embora se reconheça que a inspiração flui em ambas as direções.[45] Suspeitou-se e discutiu-se sobre a presença dos elementos da *Al-Qaeda* na Indonésia bem antes dos ataques do dia 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos. Os ataques contra os interesses americanos nesse país provocaram alertas do Departamento de Estado dos EUA e um aumento na segurança da Embaixada.[46]

Mais recentemente, o chefe de inteligência da Indonésia, *Lieutenant-General* Abdullah Hendropriyono, afirmou que existem acampamentos da *Al-Qaeda* e de outros grupos terroristas estrangeiros na ilha Sulawesi, de seu país. Diz Hendropriyono que, embora os acampamentos tenham permanecido inativos na maior parte do tempo, desde que foram estabelecidos, representantes da *Al-Qaeda*, outros estrangeiros e

militantes locais estavam fomentando conflitos entre muçulmanos e cristãos da área.[47] Um número de grupos na Indonésia tem agendas extremistas, incluindo a Frente da Defesa Islâmica (*Islamic Defender's Front*) e a militante *Laskar Jihad.* Um ex-*mujahidden*, veterano da Guerra Afegã-Soviética de 1979-89, que tem enviado muitos jovens locais para lutar contra cristãos nas Moluccas e na província de Sulawesi Central, lidera a *Laskar Jihad*.[48] O grupo, supostamente, tem quase uma dúzia de comandantes com experiência obtida da guerra afegã. Embora neguem possuir ligações com a *Al-Qaeda*, as atividades radicais e o envolvimento contínuo destes grupos nos problemas em Sulawesi sugerem o contrário.

Porém, apesar de tudo, o número de elementos integrantes desses grupos islâmicos radicais continua a ser relativamente pequeno. O que preocupa os governos regionais e os EUA no ambiente atual é até que ponto estes grupos poderão recrutar novos membros para criar versões regionais da *Jihad*.[49] Recentes notícias sobre militantes conectados à *Al-Qaeda* presos em Singapura — conhecida por sua rigorosa aplicação da lei e de outros controles — foram particularmente alarmantes. Tais revelações sugerem, aos especialistas e também aos comentaristas da mídia, que o potencial para a *Al-Qaeda* e outros grupos radicais obterem bases em meio ao desequilíbrio na Indonésia é uma séria consideração.[50]

Desde o século XIII até a era da Internet, os objetivos, a identidade e a coerência dos mouros, como um povo, têm permanecido intactos, em sua maioria. Constituindo hoje aproximadamente 5 por cento da população das Filipinas, o seu objetivo para a independência — ou pelo menos pela maior autonomia e maior participação em oportunidades e recursos naturais — continua a ser um imperativo forte. Como disse um comentarista filipino simpatizante, a contínua luta armada dos mouros é "fundamentada na percepção histórica que o governo imperial de Manila está determinado, conforme um padrão sistemático, em extirpar o Islamismo das Filipinas".[51] Quaisquer que sejam os méritos dessa percepção, a constante marginalização econômica e as décadas de políticas governamentais consideradas hostis por muitos muçulmanos no sul das Filipinas, têm fomentado uma insurreição ativa.

Os esforços militares do governo filipino para enfrentar a guerrilha têm levantado acusações de abusos de direitos humanos e de uma militarização desnecessária.[52] No início de 2002, o Exército das Filipinas declarou que teria de aumentar substancialmente o tamanho de suas forças, com mais 40 batalhões para enfrentar a ameaça dos guerrilheiros muçulmanos do sul e dos insurgentes comunistas operando em áreas mais ao norte. Juntos, estes guerrilheiros muçulmanos e comunistas são estimados em aproximadamente 25.000 combatentes.[53] Ao mesmo tempo, os insurgentes muçulmanos procuram por novos recrutas, fundos e aliados, num ciclo que sugere a possibilidade de maior instabilidade nas Filipinas e que possivelmente proporcione o catalisador para um conflito armado regional mais amplo.

O novo fator nas Filipinas, e na região, é a introdução de uma forma bem mais radical do Islamismo, apoiada por grupos internacionais. Enquanto que o grupo *Abu Sayyaf* pode ser considerado tanto um empreendimento criminoso como um grupo insurgente motivado pela ideologia, a mensagem do Islamismo extremista para as populações com pouca esperança de uma melhora material pode ser especialmente sedutora. Os grupos mouros tradicionais de independência, militância e de insurgência armada podem se radicalizar. Os comentaristas regionais, incluindo aqueles na Indonésia, continuam a falar sobre o temor que "radicais possam eventualmente atrair os economicamente desapropriados".[54] De fato, até o final de janeiro de 2002, houve um aumento das notícias sobre conexões entre o *Abu Sayyaf*, a *MNLF* e a *MILF*. O conceituado jornal *Manila Times* citou informes da inteligência militar das Filipinas de que insurgentes da *MNLF* e da *MILF* haviam "se ligado a rebeldes do grupo *Abu Sayyaf*, em Basilan".[55] Se essa notícia for verdadeira e indicar um relacionamento duradouro, significará problemas bem mais sérios para as operações militares filipinas.

A política americana relativa às Filipinas reconhece duas necessidades: apoiar o esforço militar do governo das Filipinas para enfrentar a ameaça imediata do terrorismo e abordar o problema, de longo prazo, da pobreza e marginalização endêmicas que fomentam a instabilidade. A assistência militar dos EUA tem se limitado, até agora, ao apoio material e ao desdobramento de instrutores e outros conselheiros das Forças Especiais enquanto que a possibilidade de uma participação mais ativa americana vem sendo discutida entre os governos de ambos países. A possibilidade de uma forte oposição a um papel mais ativo dos EUA poderá limitar as opções nesse sentido.

Os presidentes Gloria Macapagal-Arroyo e Bush concordaram que uma paz duradoura dependeria da maneira como seriam abordados os problemas econômicos e sociais e os EUA têm se comprometido em dobrar o apoio econômico para certas áreas do sul das Filipinas. Esta assistência apoiará a integração de ex-combatentes à economia em um esforço para criar um "ambiente que é atraente para o investimento, a criação de empregos, o progresso econômico e para disponibilizar melhores serviços públicos".[56] Os efeitos destes programas de longo prazo — e a abrangência e escala da atividade militar — dependerão dos perigosos meses vindouros, durante os quais os líderes e a população das Filipinas escolherão os caminhos a serem seguidos. ***MR***

Referências

1. "Philippines: Washington Ready to Increase Military Assistance to Manila," *Defense News*, 12 de novembro de 2001; Declarações de Bush transmitidas pela *Quezon City GMA 7 Television*, no dia 21 de novembro de 2001, conforme tradução da *Foreign Broadcast Information Service (FBIS), SEP20011121000096*; James Hookway, "U.S. Faces Complex Ethic Conflicts Fighting Terrorism in the Philippines," *The Wall Street Journal*, 21 de janeiro de 2002.

2. Robert Maulana Alonto, "Four Centuries of Jihad Underpinning the Bangsamoro Muslims' Struggle for Freedom," no site da *MILF* na <www.luwaran.com/alonto.htm>.

3. Os convertidos ao Islão eram da mesma linhagem racial daqueles que residiam no norte cristão.

4. Madge Kho, "100 Years of Moro Resistance: A Chronology of Historical Events," no <www.phil-am-war.org/moro_chrono.htm>; Brian McAllister Linn, *The Philippine War, 1899-1902* (Lawrence, KS: University Press of Kansas, 2000).

5. *Ibid*.

6. Alonto.

7. David Potter, *Sailing the Sulu Sea: Belles and Bandits in the Philippines* (New York: E.P. Dutton & Co., 1940), p.13.

8. Vic Hurley, *The Swish of the Kris* (New York: E.P. Dutton & Co., 1936), 223, no <www.bakbak.com/swishkb.htm>.

9. Do poema anônimo, "If a Lady's Wearin' Pantaloons."

10. Daya Wijesekera, "The Cult of Suicide and the Liberation Tigers of Tamil Eelam," *Low Intensity Conflict and Law Enforcement* (Summer 1996).

11. Alonto.

12. Hurley, 223.

13. Tony Dedal, "Juramentado and Americans," *e Manila News*, 22 de setembro de 2001, recebido pela Internet.

14. "History," no <www.luwaran.com/pages/history5.htm>.

15. *Ibid*.

16. Lela Noble, "The Philippines: Muslims Fight for an Independent State," *Southeast Asia Chronicle* (outubro de 1980),pp. 12-17.

17. Estes acordos foram feitos em dezembro de 1976 durante o *Tripoli Agreement* sob o auspício da *Organization of the Islamic Conference (OIC)*.

18. "Misuari and Salamat: 33 Years After Jabidah," *Philippine Daily Inquirer*, 18 de março de 2001, recebido pela Internet.

19. Deve ser observado que as insurgências comunistas, em grande parte no norte das Filipinas, têm sido um assunto de importância para o governo filipino.

20. A *Bangsa Moro Liberation Organization* foi eventualmente dissolvida e as organizações sucessoras têm tido pouca influência como oposição armada.

21. Noble; Christos Iacovou, "From MNLF to Abu Sayyaf: The Radicalization of Islam in the Philippines," *Institute of Defense Analysis* (Grécia), dezembro de 1998, recebido pela Internet.

22. *U.S. Department of State Annual Report on International Religious Freedom for 1999: Saudi Arabia* (Washington, DC: Bureau for Democracy, Human Rights, and Labor, 9 de setembro de 1999) no <www.state.gov/www/global/human_rights/irf/irf_rpt/1999/irf_saudiara99.html>. *Wahabis*, como mouros, são muçulmanos *Sunni*. Na Arábia Saudita, outras facções muçulmanas, tal como a minoria *Shia*, são objetos da "discriminação política e econômica oficialmente sancionada."

23. "Arab Veterans of Afghanistan War Lead New Islamic Holy War," *Compass* (28 de outubro de 1994) no <www.fas.org/irp/news/1994/afghan_war_vetrans.html>.

24. Susan Olasky, "Thirty Muslim Leaders Worth Knowing About," *World Magazine* (27 de outubro de 2001) no <http://www.eurasianet.org>.

25. Ann Bernadette S. Corvera, "Is There a Link Between bin Laden and the Abu Sayyaf?" *The Philippine Star*, 25 de novembro de 2001; Edmundo Santuario III, "Abu Sayyaf: The CIA's Monster Gone Berserk," *Just Peace*, recebido pela Internet.

26. Fe B. Zamora, "Al Harakatul al Islamiya: The Beginnings of Abu Sayyaf," *The Philippine Inquirer*, no <www.inq7.net/specials/inside_abusayyaf/2001/features/formative_years.htm>.

27. *Ibid*. Wahab Akbar é agora o governador da ilha de Basilan. Este antigo membro da *MNLF* insiste que rompeu suas antigas conexões com o *ASG*; Maria Resser, "Basilan: The `Wild West' of the Philippines," *CNN News*, 8 de julho de 2001, recebido pela Internet.

28. A organização supostamente foi designada como *Al Harakatul al Islamiya* mas ficou conhecida como o *Abu Sayyaf*.

29. Estes reféns são os últimos de mais de 60 seqüestrados para resgate na primavera de 2001 de um balneário na Ilha Palawan e de um hospital na Ilha Basilan. Muitos foram soltos e outros executados durante uma perseguição de vários meses por parte do Exército das Filipinas. Veja "Unit Set to Face Hostage Takers: Trained Filipinos Aim to Free Kansans," *The New York Times*, 16 de dezembro de 2001; Johanna McGeary, "Can *Al-Qaeda* Find a New Nest?" revista *Time*, 24 dezembro de 2001, p. 55.

30. Peter Jaynul V. Uckung, "From Jikiri to Abu Sayyaf," *The Philippine Inquirer*, 10 de junho de 2001, no <www.inq7.net/nat/2001/jun/10/nat_6-1.htm>.

31. Byron E. Countryman e Michael S. McDaniel, "New Pirate Targets Feared," *The Cargo Letter*, 20 de novembro de 2000, no <www.cargolaw.com>. Para ver esforços recentes regionais no combate da pirataria entre outros crimes, veja Johnna Villaviray, "Anti-Terror Parley Skirts Nur Problem," *The Manila Times* (29 de dezembro de 2001) e "Japan Coast Guard to Send Patrol Boat to SE Asian Waters to Prevent Terrorism," *Sankei Shimbun* (25 de outubro de 2001), conforme tradução no *FBIS* JPP20011026000014.

32. Mary Anne Weaver, "Blowback," *Atlantic Monthly* (maio de 1996) no <www.theatlantic.com/issues/96may/blowback.htm>.

33. *Ibid*.

34. Entrevista de Fausto Biloslavo com Abu Luqman, "Attacks on Tourists Across the World," *Il Giomale* (7 de maio de 2000), conforme tradução no *FBIS* EUP20000508000174 e *Corvera*.

35. "Suspected Muslim Extremist With al-Qaida Link Arrested," *Lawrence Journal World*, 22 de janeiro de 2002 e "Asian Nations Widen Terrorism Inquiry," *Kansas City Star*, 13 de janeiro de 2002.

36. "Abu Sayyaf Fighters Receive Training in Afghanistan," *Agence France Presse (AFP)*, 6 de julho de 2001, no <http://myafghan.com>.

37. "Foreigners Fought Afghan Rebels Hand to Hand Near Kabul," *Kansas City Star*, 18 de novembro de 2001.

38. Joel R. San Juan, "New Basilan Clashes Leave 13 Abu Dead," *TheManila Times*, 8 de dezembro de 2001.

39. Marian Trinidad, "Misuari Loyalists Shell Army Post: 52 Killed," *The Manila Times*, 20 de novembro de 2001.

40. Johnna Villaviray, "Reports: Nur Loyalists Hatching Terror Attacks in Minda 30 de dezembro," *The Manila Times*, 19 de dezembro de 2001; e "Nur Men Can Try to Spring Him—AFP," *The Manila Times*, 10 de janeiro de 2002.

41. Em dezembro, o oficial encarregado, muito influente, com base na Indonésia, anunciou que apoiaria o sucessor de Misuari em Mindanao, apesar de Misuari reter o apoio internacional da Arábia Saudita e de elementos na Malásia. Veja Johnna Villaviray e Mirasol Ng-Gadil, "Misuari Fate Hangs in OIC Balance," *The Manila Times*, 6 de dezembro de 2001; Dorian Zumel Sicat, Johnna Villaviray, e Marian Trinidad, "RP `Allies' Still Play Major Role in Conflict," *The Manila Times*, 21 de novembro de 2001.

42. "Asian Nations Widen Terrorism Inquiry."

43. "At Least 15 Kidnapped as Pirates Attack Again Near Sipadan, Sabah off Borneo," *Cyber Diver News Network*, 18 de junho de 2001, recebido pela Internet.

44. Dini Djalal e John McBeth, "All Talk, No Action," *Far Eastern Economic Review* (25 de outubro de 2001), recebido pela Internet.

45. Joseph Brady, "Timor Fires Mindanao's Freedom Fight," *Sydney Morning Herald*, 30 de outubro de 1999.

46. Don Greenlees, "Bin Laden Moves in on Indonesia," *The Australian*, 4 de setembro de 2001.

47. Jay Solomon, "*Al-Qaeda* Camps in Indonesia," *The Wall Street Journal*, 14 de dezembro de 2001, conforme citado no *Financial Review*, 2 de janeiro de 2002, recebido pela Internet.

48. No final de 2001, Jakarta se preocupava com uma série de ataques com bombas contra igrejas cristãs em Sulawesi Central, onde combates entre muçulmanos e cristãos resultaram na morte de umas 1,000 pessoas nos últimos 3 anos e esforços para promover uma paz duradoura estão a caminho.

49. "Java's Angry Young Muslims," *Economist*, 18 de outubro de 2001, recebido pela Internet e Djalal e McBeth.

50. Raymond Bonner e Jane Perlez, "Al Qaeda Seeks Niche in Indonesia, Officials Fear," *The New York Times*, 23 de janeiro de 2002.

51. Eric F. Mallonga, "The Widening Rift," *The Manila Times*, 3 de setembro de 2001, recebido pela Internet.

52. Jessica Reyes-Cantos, "Philippines: Battered but Not Beaten," *Instituto del Tercer Mundo: Social Watch*, 2001, no <www.socwatch.org.uy>.

53. Alguns legisladores filipinos, incluindo o presidente do senado, não estão convencidos. Veja "Philippines—Manila Must Double Military Strength to Fight Rebellions," *AFP*, 3 de dezembro de 2001, no <http://periscope.org>.

54. Djalal e McBeth.

55. Dorian Zumel Sicat, "MILF, MNLF, Abu Sayyaf Link up in Basilan," *The Manila Times*, 26 de janeiro de 2002.

56. "US Pledges Massive Military, Economic Aid to Philippines," *Asia Times Online*, 23 de novembro de 2001, recebido pela Internet.

Graham H. Turbiville, Jr. é o diretor do Escritório de Estudos Militares Estrangeiros no Forte Leavenworth, Kansas. É Bacharel pela Southern Illinois University, *Mestre pela* George Washington University *e Ph.D pela* University of Montana. *Foi chefe do Setor de Operações Estratégicas Soviéticas/Pacto de Varsóvia (*Soviet/Warsaw Pact Strategic Operations Branch*), da Agência de Inteligência de Defesa, Washington, D.C. Seus artigos anteriores na* Military Review *incluem "The Chechen Ethno-Religious Conict, Terrorism and Crime" March 1994; "OOTW in the Asia-Pacic Theater," April 1994; "The Changing Security Environment" e "Mexico's Other Insurgent", May-June 1997; "US-Mexican Border Security: Civil-Military Cooperation," July-August 1999'; "Mexico's Multimission Force for Internal Security," July-August 2000 e "Mexico's Evolving Security Posture"May-June 2001. Seu artigo mais recente na* Military Review *"Prototypes for Targeting America: A Soviet Assessment." foi publicado na edição de janeiro-fevereiro de 2002.*